



A Educomunicação e a Prática Socioeducativa Marista¹

Franki Kleberson Kucher²

Vanderlei Siqueira dos Santos³

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

O presente artigo apresenta o estudo realizado em um processo de pesquisa com gestores, educadores e educandos de oito Centros Sociais Maristas⁴. O estudo teve como objetivo apropriar-se das práticas educacionais em desenvolvimento, aprofundando a inter-relação entre a comunicação e a educação, tendo em vista a formação do Educomunicador. O estudo permitiu questionar a superação de práticas pedagógicas tecnicistas e concepções reducionistas quanto à abrangência dos saberes relacionados. Conclui-se, por meio da reflexão e do debate coletivo, que há a necessidade de ampliar o entendimento das próprias áreas que a compõem: comunicação e educação, desafiando o educador a uma mudança paradigmática de sua prática, possibilitando a visualização de outras modalidades de conhecimento que reforcem o potencial pedagógico e emancipatório dos meios.

Palavras-chave: Educomunicação; apoio socioeducativo; protagonismo juvenil; formação do educador.

Introdução

Segundo Martim-Barbeiro (1995, p.150), “a comunicação é questão de culturas, e não só de ideologias; a comunicação é questão de sujeitos, atores, e não só de aparatos e estruturas; a comunicação é questão de produção, e não só de reprodução”. Nessa perspectiva, os processos de comunicação e, atualmente, a comunicação midiática exercem papel fundamental sobre o modo de pensar, de ser, de apreender, e de agir dos sujeitos e dos grupos sociais. Amplia-se a preocupação com a educação dos receptores de mídias, com o objetivo de discutir a recepção das mesmas e possibilitar uma análise crítica das suas mensagens. Esta constatação contribui na consolidação do conceito de Educomunicação que, no Brasil, remonta aos movimentos sociais e às experiências da Igreja Católica, desde 1950. Segundo tais movimentos, a comunicação é realizada e se concretiza, a partir da escuta da base, das pessoas e das culturas.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e pesquisador em Educomunicação.

³ Jornalista e doutorando em Educação pela PUCPR.

⁴ Unidades Sociais Maristas que integram a Rede Marista de Solidariedade, presentes nos Estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal. Os Centros Sociais desenvolvem a Oficina de Comunicação, núcleo comum do Serviço de Apoio Socioeducativo.



No entanto, a simples presença da Educomunicação no processo pedagógico educativo não implica em mudança significativa na prática pedagógica. Significa dizer que a melhoria da prática pedagógica será determinada pelo entendimento e aplicação adequada desse novo campo de intervenção. Nessa perspectiva, foi possível identificar, nos Centros Sociais Maristas que desenvolvem o Serviço de Apoio Socioeducativo, que a prática educacional pode melhorar seu coeficiente, gerando mais significado para o processo de aprendizagem dos educandos. Assim, o presente estudo pretende abordar a Educomunicação como campo teórico específico que visa contribuir na formação de sujeitos para uma recepção crítica e reflexiva dos meios, constituindo elemento essencial na proposta socioeducativa institucional que tem por objetivo desenvolver o potencial de crianças, adolescentes e jovens, por meio do exercício do direito a participação, numa perspectiva emancipatória e cidadã.

Com uma abordagem qualitativa, a pesquisa realizada nos Centros Sociais Maristas objetivou a investigação das práticas educativas em desenvolvimento, o alinhamento conceitual e a busca pela formação de educadores capazes de atuar com ousadia para superar conceitos e práticas limitadoras que emperram a qualidade do processo de aprendizagem.

1. A interface Educação e Comunicação

No cenário atual, visualiza-se uma complexidade de tecnologias da informação e comunicação (TICs) acessíveis a diferentes públicos e um domínio cada vez mais competente dessas tecnologias por parte das crianças, adolescentes e jovens, independentemente da sua condição social. Com os constantes avanços tecnológicos, há uma mudança no comportamento social que influencia no relacionamento interpessoal e na construção da identidade, além de apresentar forte impacto na educação e na própria cultura.

Tais avanços expressam a ostensiva ação da indústria cultural, gerando uma avalanche de informações que, por seu excesso, constitui-se de forma fragmentada e desprovida de significado. De acordo com os estudos da Escola de Frankfurt e das proposições de Adorno e Horkheimer (1985), tal indústria promove o consumismo, entretenimento e semi-informação. Assim, a promoção, o estudo e a apropriação de pesquisas que abordam e (re) significam os processos de comunicação são um caminho a ser percorrido pelos profissionais que atuam em espaços socioeducativos.



A Educomunicação, desse modo, constitui-se numa nova área de intervenção social que alia o saber midiático ao saber educacional. De acordo com Rosseti (2008), entende-se que a educação é mais do que aquilo que se desenvolve estritamente dentro do ambiente escolar, havendo uma interface com o campo da comunicação. Assim, o conceito é ampliado e soma-se à proposta integral do processo educativo. A inter-relação destes campos, no entanto, tem gerado uma aparente oposição entre o saber midiático e o saber escolar. De acordo com Jacquinet (1998), esse conflito tem levado os educadores a simplesmente ignorarem a existência dos meios ou a utilizarem-nos como ferramentas para a manutenção de ações pedagógicas. Ou ainda, a produzirem iniciativas equivocadas de cursos de educação para a utilização dos meios sem, entretanto, agregar elementos para a aprendizagem escolar. Sobre essa inter-relação, Soares (2002, p. 24) afirma que a Educomunicação constitui-se:

[...] no conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos⁵ em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem (SOARES, 2002, p.24).

Ressalta-se que, na perspectiva de Freire, lembrado por Pretto (2008, p. 13), a comunicação é um ato pedagógico e a educação é um ato comunicativo. Para esse educador, o aprender é ato de conhecimento da realidade concreta, uma intervenção crítica da realidade que faz a leitura do mundo. Assim, é um processo educativo vivo, dinâmico, que promove a compreensão do real e possibilita a prática diária consciente.

Para Schaun (2002), o novo campo de intervenção, entendido como Educomunicação, é uma ação política voltada para a releitura das utopias sociais impulsionadas pela motivação de transformar o *status quo*. Um campo que considera as pessoas como cidadãos críticos, participativos e inseridos no meio social, visando relações sociais mais humanizadas e a criação inovadora de olhares diferenciados sobre o cotidiano.

⁵ “O conceito de ecossistema comunicacional (organização dos espaços e tempos) designa a organização do ambiente, a disponibilização dos recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações caracterizam determinado tipo de ação comunicacional. [...] a gestão da comunicação nos espaços educativos produz-se tanto nos ambientes voltados para programas escolares formais, quanto naqueles dedicados ao desenvolvimento de ações não formais de educação” [...] (SOARES, 2000, p. 23).



Os estudos e práticas na interface entre a Comunicação Social e a Educação contribuem para o crescente debate sobre o lugar social da mídia na sociedade contemporânea. Alguns autores convergem para a constatação de uma centralidade da comunicação no cotidiano das pessoas, atribuindo aos meios, e às programações que estes veiculam, influências na cultura, nos comportamentos e nas formações ideológicas dos grupos sociais.

De acordo com Soares (2009), as experiências relacionadas a esse novo campo vêm se organizando em torno de seis áreas interconectadas de intervenção social: a área da educação para a comunicação; a mediação tecnológica na educação; a gestão da comunicação no espaço educativo; a reflexão epistemológica; a pedagogia da comunicação e a expressão comunicativa, por meio das artes.

O profissional, dessa nova área de intervenção, o educador, segundo Jacquinot (1998, p.1), “não é um professor especializado encarregado do curso de educação para os meios. É um professor do século XXI, que integra os diferentes meios nas suas práticas pedagógicas”. É, portanto, um profissional que realiza seu magistério com atenção às proposições levantadas pela Educomunicação.

Gómez (1997) defende que o educador é um educador atento às interações dos educandos com os meios e que utiliza os espaços educativos para fazer a mediação nesse processo de recepção e apropriação. O termo mediação se refere à postura esperada dos educadores nos espaços educativos, diante dos referenciais comunicativos trazidos pelos alunos. Tem como objetivo desenvolver hábitos de reflexão consistentes com os alunos sobre os processos comunicacionais, tratando-os como mídias que têm posicionamentos sobre a vida e o mundo e aproveitar o aprendizado que os meios proporcionam para a formação intelectual crítica e ativa dos educandos.

Soares (2002) destaca que o educador é desafiado na metodologia de trabalho. Espera-se desse profissional a vivência de alguns valores como a opção por aprender a trabalhar em equipe, respeitando-se as diferenças; a valorização do erro como parte do processo de aprendizagem; e a alimentação de projetos voltados para a transformação social.

Diante de propostas conservadoras de ensino, o educador é desafiado à mudança paradigmática em sua prática, optando por uma concepção mais reflexiva e crítica que leve ao entendimento de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria construção.



A mediação do educador visa corroborar para que o educando compreenda a importância de suas próprias experiências e significados. Por meio de metodologias que levem à problematização e contextualização, busca-se dar sentido ao que se discute, considerando as especificidades das diferentes culturas. Essa relação mediadora é essencial no processo socioeducativo, pois permite que os envolvidos possam sair do senso comum e avançar na direção de uma consciência mais crítica e ampla das realidades.

Para Fantin (2007, p. 9), a formação do educador envolve um processo de mão dupla, desafiando educadores e comunicadores ao mesmo tempo. Assim, “a formação de educadores sintonizados com as novas linguagens das mídias deve corresponder à formação de comunicadores sintonizados com as funções educacionais da mídia” (...). Da mesma forma que o espaço escolar precisa integrar as mídias no currículo acadêmico, é imprescindível que os espaços midiáticos considerem os objetivos educativos na sua programação.

2. O Serviço de Apoio Socioeducativo e a Educomunicação

O Serviço de Apoio Socioeducativo, desenvolvido nos Centros Sociais Maristas, com uma proposta de atendimento no horário contrário ao da escola, tem por objetivo o desenvolvimento de projetos que visam à compreensão e análise crítica dos diversos contextos, na perspectiva de contribuir para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, sujeitos de direitos, capazes de construir o conhecimento de forma participativa, solidária e autônoma, considerando a cultura da comunidade.

Nesse Serviço, são desenvolvidas Oficinas, nas diferentes áreas do conhecimento, e linguagens nas quais a Educomunicação pode realizar interface. Uma dessas áreas é a própria oficina de Comunicação, com a implementação de projetos específicos e ou interdisciplinares. Assim, o educador dessa área, reconhecido como educador, tem sua atuação fortalecida, por meio da inter-relação de saberes compartilhados com as outras oficinas.

(...) o educador é aquele que estabelece no espaço socioeducativo uma relação de mediação entre cultura e os conhecimentos historicamente construídos com o educando para a ampliação da sua visão de mundo [...] Algumas condições são determinantes na sua atuação, enquanto mediador: o conhecimento e a compreensão da realidade com a qual trabalha, o comprometimento político, clareza quanto às relações de poder constituídas historicamente e competência técnico-profissional na área específica de atuação. (REDE MARISTA DE SOLIDARIEDADE, 2010, p. 30)



Desse modo, ressalta-se o papel político do educador nas diferentes áreas de atuação. Tal papel está alicerçado nos princípios da educação Marista, tais como: a pedagogia da presença, a pedagogia da escuta e a criação de um ambiente acolhedor.

Os princípios da Educação Marista que fundamentam o Serviço de Apoio Socioeducativo na perspectiva da formação social, crítica e humana levam à reflexão sobre a importância da Oficina de Comunicação para a apropriação crítica dos meios de comunicação enquanto instrumentos de expressão social e desenvolvimento pessoal.

Por meio da elaboração de produtos de comunicação como jornais, informativos, programas de rádio, vídeos, documentários, curtas-metragens, fotografia, entre outros, é possível desenvolver uma visão mais crítica dos meios de comunicação e ainda trabalhar com a cidadania, a autonomia, o protagonismo e participação dos educandos. Peruzzo ressalta que os educandos transformam-se em produtores de informação, saindo do estágio de meros consumidores.

A participação na comunicação é um mecanismo facilitador da ampliação da cidadania, uma vez que possibilita a pessoa tornar-se sujeito de atividades de ação comunitária e dos meios de comunicação ali forjados, o que resulta num processo educativo, sem se estar nos bancos escolares. (PERUZZO, 2010, p. 11)

A diversidade de práticas educomunicativas aponta para as potencialidades desses meios para a promoção da participação e do protagonismo juvenil. Existe, na cultura de poder, resistência à participação do público infanto-juvenil. As vozes dos educandos, que por vezes soam como ameaça para os adultos, são muitas vezes sufocadas e silenciadas, uma vez que ainda são inconsistentes os mecanismos e instâncias democráticas que socializam e fazem circular a informação de maneira aberta, real e crítica. Nesse sentido, a Educomunicação pode servir como instrumento de transformação social que compreende o humano em sua totalidade e fortalece todas as formas de expressão do sujeito, seja em ambientes formais ou não-formais, contribuindo na formação de um educando autor e sujeito de sua própria aprendizagem.

3. Práticas de Educomunicação na Rede Marista de Solidariedade: uma pesquisa nos Centros Sociais Maristas

Com o objetivo de levantar o panorama dos conceitos utilizados e das práticas de Educomunicação nos Centros Sociais Maristas, optou-se pela elaboração e aplicação de



uma pesquisa com educadores da oficina de Comunicação, gestores e educandos desses centros. A pesquisa foi organizada em forma de questionário por um grupo de seis Educadores Maristas, com o objetivo alinhar conceitos, sistematizar as práticas de Educomunicação em desenvolvimento, no que diz respeito ao serviço de Apoio Socioeducativo, e propor alternativas para essa oficina. Para realizar esse trabalho, o grupo entendeu que se fazia necessário, primeiramente, ouvir os atores e levantar as práticas existentes, bem como o seu entendimento.

A Rede Marista de Solidariedade está presente nos Estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul e no Distrito Federal, por meio da atuação de 27 Centros Sociais Maristas e um Centro Marista de Defesa da Infância, no atendimento a crianças e adolescentes até 17 anos, e com representatividade em espaços de controle social e fomento a políticas públicas para as Infâncias, Adolescências e Juventudes. O universo da pesquisa abrangeu oito Centros Sociais, contemplando 248 educandos, oito equipes gestoras e oito educadores. Foi dada orientação para que cada equipe gestora se reunisse com o objetivo de discutir e responder ao questionário dirigido. O educador da Oficina de Comunicação, da mesma forma, deveria responder um questionário próprio e selecionar aproximadamente 20 educandos de diferentes faixas etárias, serviços e programas para responderem outro questionário. Os questionários foram enviados aos Centros Sociais em 27 de agosto de 2009 e foram devolvidos no dia 30 de outubro de 2009.

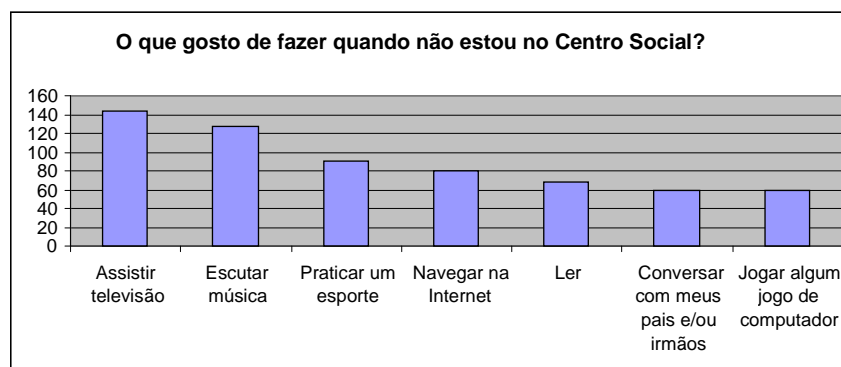
A partir desse instrumento de pesquisa, do assessoramento com o pesquisador da área e dos estudos coletivos, foram realizadas análises e sistematizações teóricas, com a intencionalidade de promover interface comunicação-educação para o desenvolvimento de práticas no Serviço de Apoio Socioeducativo, em atenção às vozes dos entrevistados. Na seqüência, estão as questões das entrevistas, a análise e a tabulação das respostas coletadas.

a) Você percebe a comunicação presente nas ações educativas do Centro Social? De que forma acontece? Apresente algumas experiências educativas desenvolvidas na sua unidade, envolvendo a comunicação.

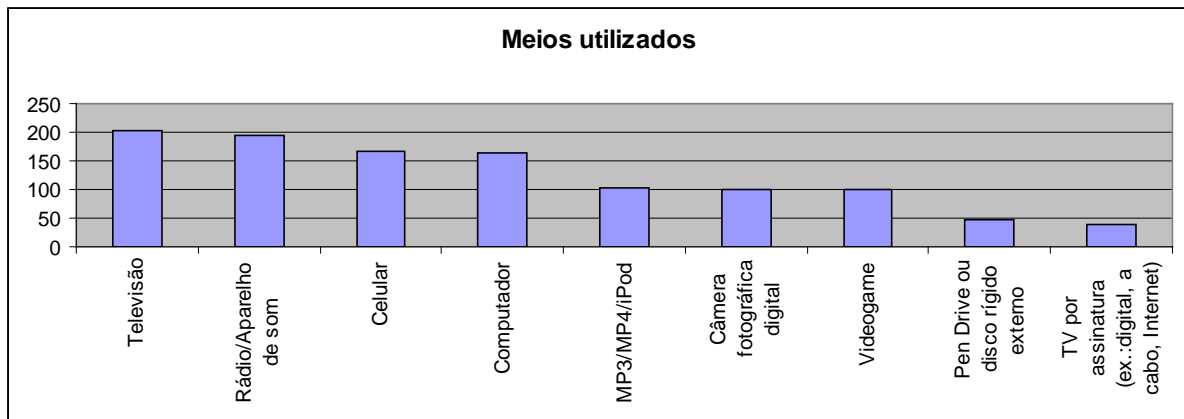
A comunicação é reconhecida pelas equipes gestoras e educadores como uma importante ferramenta do serviço de apoio socioeducativo. Apontam para um sentido amplo de comunicação, para além do simples uso de TICs. Assim, a comunicação acontece nas oficinas, mas não somente nelas. Ela está presente, especialmente, nas interações dos

atores com o entorno. Argumentam que as oficinas utilizam diversos meios como a informática, a pesquisa, os jogos, as histórias, os gibis, os blogs, os sites, os vídeos, as fotografias, os registros escritos e os murais. Esses meios permitem que o educando vá reconhecendo a história e se posicionando frente a essa realidade. Além desses meios, referem-se aos registros escritos, ao código de convivência, à acolhida dos educandos, à roda de conversa e às apresentações de trabalhos. As tecnologias são citadas como ferramentas que favorecem a comunicação, embora não a garantam.

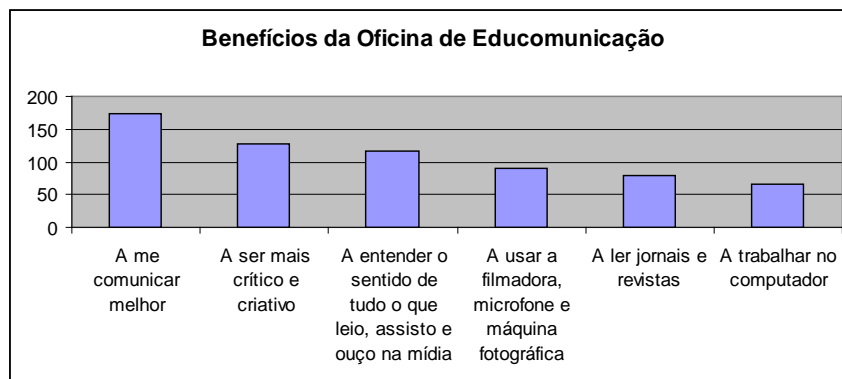
A pesquisa confirmou a incidência das tecnologias da informação e comunicação (TICs) na vida dos educandos dos Centros Sociais Maristas, quando se perguntou sobre o que mais gostavam de fazer quando não estão no Centro Social. A televisão aparece como o meio mais recorrente. Não se fará uma análise mais detalhada dessa questão, no entanto, cabe o questionamento pela interferência de questões sócio econômicas na definição dessas respostas. A pesquisa não questionou o local onde os educandos têm acesso às tecnologias. Mesmo assim, parece que o maior acesso à televisão e ao rádio advém da facilidade de aquisição dos mesmos.



Tal incidência é confirmada em outra questão que solicitava que selecionassem, numa lista sugerida, os meios que mais utilizam. Por ser uma tecnologia de uso pessoal, vale ressaltar o fato de que aproximadamente 70% dos educandos dispõem de aparelho celular. A pesquisa não aprofundou as formas de uso, manutenção e o modelo dos aparelhos. Mas, o fato é que essa tecnologia é bastante utilizada pelos adolescentes e comporta mudanças significativas nos seus relacionamentos.



Questionados sobre o que aprendem na oficina de Comunicação, os educandos confirmam a percepção da equipe gestora e dos educadores. Eles argumentam que a oficina contribui nas suas relações, corrobora para se comunicarem melhor, ajuda no desenvolvimento da consciência crítica, da criatividade, no entendimento da recepção e na apropriação dos meios. Revela-se que o estudo dos meios e o uso das TICs já constituem uma prática recorrente nos centros sociais.



Questionados sobre quantas horas por dia ouvem rádio, assistem TV, navegam na internet, utilizam celular e realizam leituras, novamente se constata a expressiva recepção da televisão e do rádio. Apenas seis educandos dizem nunca ter acesso à televisão e 14 ao rádio. Chama a atenção o fato de 35 educandos nunca terem navegado na internet, tendo em vista as facilidades de acesso, seja em Lan Houses, nas escolas e nos próprios Centros sociais Maristas. Da mesma forma, é preocupante o fato de que 35 educandos terem respondido que nunca lêem. A pesquisa não definiu os meios de leitura, livro ou computador, por exemplo. É interessante perceber que o número de educandos que não tem o hábito da leitura é equivalente ao número de educandos que disseram nunca navegar



na internet. Pode-se perguntar, aqui, pelas contribuições e prejuízos das TICs, na formação de leitores.

b) Há uma relação entre educação e comunicação? Se sim, como você a compreende?

As equipes gestoras e os educadores apontaram que existe uma relação muito forte entre comunicação e educação. No entanto, esta interação ainda precisa ser aprofundada.

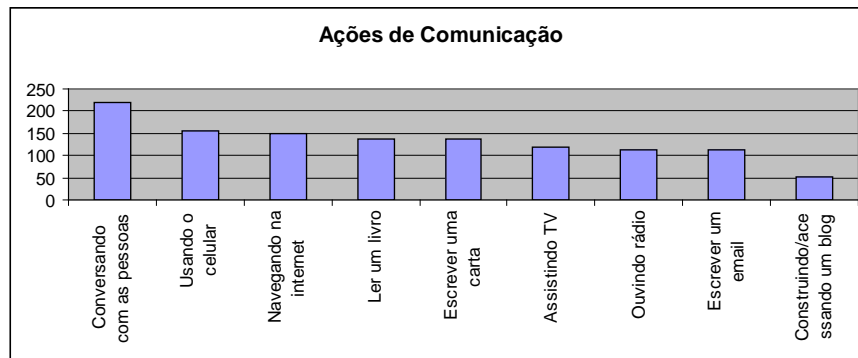
Defendem que a comunicação é um ato educativo que extrapola as linguagens verbais expressando-se, também, na postura corporal do educador que acolhe uma criança, na organização do espaço físico e nas diversas formas de manifestações da criança. Defendem que a relação não se restringe a meras ações informativas, entretanto, facilita a internalização do conhecimento e a problematização das situações.

A relação entre ambas possibilita um processo educativo vivo, dinâmico, que promove a compreensão do real e possibilita a prática diária consciente. A comunicação, a partir de seu viés educativo, é concebida como um instrumento poderoso de transformação social que compreende o humano em sua totalidade e fortalece todas as formas de expressão do sujeito, seja em ambientes formais ou não-formais.

Constata-se, portanto, que as equipes gestoras e educadores Maristas reconhecem a relação de proximidade entre as duas áreas do conhecimento. Da mesma forma, reconhecem a existência de práticas do apoio socioeducativo nesta interface. Percebe-se abertura desses profissionais para a proposição de projetos educacionais.

Essas duas primeiras questões permitem identificar uma compreensão ampla dos termos Educação e Comunicação compreendendo-os para além das proposições de teorias conservadoras ou funcionalistas. Em relação à materialização da Educomunicação nos Centros Sociais, a concepção ampla das duas áreas que a compõem implica que se conceba a nova área do conhecimento como uma epistemologia do conhecimento, mais do que uma metodologia. Isso desafia os educadores a olhar para todo o processo comunicativo presente nos Centros Sociais, atuando no sentido de alargar seu coeficiente comunicativo. Essa ação pode ter aporte na oficina de Comunicação, mas esta não deve restringi-la. Ao educador cabe a função de corroborar nos processos comunicativos, seja na utilização dos meios, seja na melhoria da comunicação entre pares.

Essa compreensão ampla da comunicação também é apontada pelos educandos, quando foram solicitados para marcar em quais dos momentos relacionados consideraram que estão fazendo comunicação.



c) Que contribuições você identifica no desenvolvimento dos educandos a partir da participação na oficina de Comunicação?

A formação da consciência crítica foi considerada pelas equipes gestoras a maior contribuição dessa oficina. Na seqüência, foram apontados o desenvolvimento da autonomia, a oralidade e o intercâmbio entre as oficinas. Ainda foram citados o desenvolvimento cognitivo, a problematização, a contextualização dos temas discutidos com a realidade dos educandos, a possibilidade de expressão dos sentimentos, a reflexão individual e coletiva, o relacionamento com o outro, a desinibição, o autoconhecimento, a purificação e ampliação do olhar, superando vícios e preconceitos, a organização, o desenvolvimento da escuta, da argumentação e da escrita.

Os educadores também consideraram a formação da consciência crítica como a principal contribuição da oficina. Em seguida, apresentaram o desenvolvimento da escrita, a ampliação das relações sociais, a interação entre os educandos e a criatividade. Também citaram que a oficina contribui na formação cidadã, desenvolve a expressão oral, musical e pictórica, interage com a realidade social, incita a curiosidade e a descoberta, promove o exercício da leitura e da fala e oportuniza a expressão das idéias por parte dos educandos.

Percebe-se, nas respostas a essa questão, a predominância da educação para os meios. Considera-se que essa tendência se justifica pela justaposição de teorias nas áreas da Educação e Comunicação que priorizaram a relevância do ensino e da emissão, em detrimento da aprendizagem e da recepção. Consideraram-se, unilateralmente, questões ideológicas e hegemônicas esquecendo-se de olhar para o interior das múltiplas culturas. Esse fato, no que diz respeito à Educomunicação, desafia seus profissionais a propor e reconhecer a cultura que advém das bases; a reconhecer e motivar a apropriação das TICs pelos educandos, como meio de expressão e desenvolvimento educacional.



O desenvolvimento de práticas de uso dos meios interpela os educadores a se apropriarem dos meios utilizados pelos alunos no seu cotidiano. Entre os serviços de internet, os mais utilizados pelos educandos são os jogos, os correios eletrônicos, os sites de relacionamento e o compartilhamento de vídeos e fotos. Essa constatação traz o apelo aos educadores para a utilização desses serviços, além de outros oferecidos pela internet como as ferramentas pedagógicas. A não existência, por parte das equipes gestoras e dos educadores dos Centros Sociais Maristas, de antigos estereótipos que implicavam na rejeição das TICs pelos educadores, pode favorecer essa apropriação.

d) A mediação no uso dos meios de comunicação está presente na prática educativa do Centro Social? Quais as experiências você pode relatar?

As equipes gestoras e educadores consideram que a mediação é realizada nos diversos projetos que abordam diferentes linguagens como jornal interno, rádio, produção de documentários, jornal mural, televisão, cinema, fotografia, blog e livros de contos. A parceria dos educadores que trabalham com os meios de comunicação com outras oficinas do serviço de apoio socioeducativo foi destacada pelos participantes. Sustentaram que o uso das diversas ferramentas de informação e comunicação, bem como o contato com diferentes linguagens tornam o educando apto para discutir diversos assuntos, produzir informações e mudar suas perspectivas de entendimento do mundo real.

A perspectiva levantada pela equipe gestora e educadores pode ser iluminada, a partir daquilo que se entende por pedagogia da comunicação. Ou seja, as TICs dispõem de um potencial pedagógico que pode corroborar na proposição de metodologias que visem à construção do conhecimento, mais do que a tradicional pretensão de acumulação de informações.

Cabe, no entanto, o alerta de Penteadó, quanto ao erro que, normalmente, se comete quando se refere à pedagogia da comunicação.

A menção à Pedagogia da Comunicação costuma nos remeter de maneira imediata ao uso das modernas tecnologias da comunicação no ensino como algo capaz de transformar a educação escolar colocando-a num patamar de modernidade e contemporaneidade. Todavia é preciso considerar que a simples presença desses recursos no trabalho pedagógico não é sinônimo de mudanças significativas na qualidade de tal trabalho. (PENTEADO, 1998, p. 13)



Esse alerta faz considerar que as TICs são apenas ferramentas aptas a potencializar a capacidade comunicacional inerente ao ser humano. Mudanças mais substantivas dependem, portanto, da concepção teórico metodológica que o educador tem da Educação e da Comunicação.

As equipes gestoras referem-se ao potencial interdisciplinar dos meios. São citados diversos exemplos de trabalhos, envolvendo diferentes oficinas. Essa opção favorece o desenvolvimento de metodologias de projetos que, conforme Behrens (2006, p.35), visa a construção do conhecimento a partir de práticas pedagógicas críticas e reflexivas. “O projeto tem a finalidade de circunscrever a visão do todo envolvendo o processo de investigação decorrente da problematização. Esta metodologia precisa enfatizar a necessidade da proposição de atitude transdisciplinar”.

Para Penteado (1998, p.13), tal potencial será favorecido “tão-somente na vivência de uma didática que exercite a capacidade comunicacional humana e pratique a educação como um processo específico de comunicação”. Cabe ao educador criar esse contexto educacional propício ao uso transformador das TICs na Educação, a começar pela transformação do momento solitário do planejamento num processo vivo de partilha e de corresponsabilização.

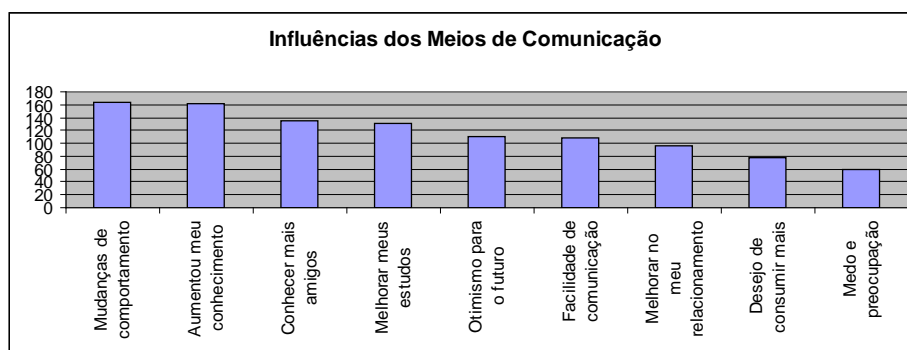
Trata-se de transformar o momento solitário, arbitrário, formal e muito frequentemente ineficaz do planejamento organizado em moldes tecnicista, formal, burocrático, num processo vivo de partilha e de corresponsabilização docente/discente, experienciado ao longo de um percurso (PENTEADO, 1998, p.14).

A necessidade da mediação docente na relação dos educandos com as TICs se impõe pelo próprio fato de viverem em um espaço social midiático. As informações e argumentos desses meios pautam as conversas, direcionam as brincadeiras, regulam os comportamentos e influenciam direta e indiretamente na tomada de decisões. Evidencia-se que, desde cedo, as crianças são iniciadas pelos meios de comunicação a formas de linguagens, muitas vezes, diferentes daquelas priorizadas pela escola.

A mediação docente comporta a crença de que é possível intervir no processo de recepção, a partir de objetivos pedagógicos e sociais, ultrapassando relações de passividade. Acredita-se que a recepção é um espaço de interação, de negociação de sentidos em que é preciso fortalecer a ação reflexiva dos receptores. Para Gómez (1997), os processos de comunicação e aprendizagem têm lugar não na emissão ou no ensino, mas sim na recepção ou na resposta que dão, no caso das crianças, à mensagem ou ao estímulo

original. A aprendizagem não se define no professor e sim no aluno e só em parte depende do esforço instrutivo. A audiência não nasce, faz-se e se faz de distintas maneiras. Ninguém nasce receptor, mas vai se fazendo paulatinamente. E, sem um processo de mediação da escola ou mesmo da família, é provável que as crianças se façam receptores, somente a partir do que as empresas dos meios de comunicação desejam.

Os educandos entendem que os meios de comunicação influenciam na sua vida, levando a mudanças de comportamentos. Consideram tal influência, genericamente, positiva. Ela contribui, desse modo, para aumentar os conhecimentos, melhorar os estudos, facilitar a comunicação, melhorar os relacionamentos e dar-lhes otimismo para o futuro. Em uma escala menor, reconhecem que os meios despertam para o consumo e incitam ao medo e preocupações.



A importância da mediação dos educadores na educação para os meios justifica-se, mediante ao monopólio do entretenimento. Perguntados sobre quais conteúdos costumam consultar quando acessam a internet, assistem à TV e ouvem rádio, os educandos revelam que o gênero preferido é o entretenimento, jogos, músicas, esporte e os programas de humor.

Martin-Barbero e Rey constatarem que a mediação se faz necessária, devido à cultura contemporânea e à programação proporcionada pela televisão.

Se a cultura é menos a paisagem que vemos do que o olhar com que a vemos, começa-se a suspeitar que o argumento diz menos da televisão do que do olhar radicalmente decepcionado do pensador sobre as pessoas pobres de hoje, incapazes de calma, de silêncio e solidão, mas compulsivamente necessitadas de movimento, de luz e de bulha, que é o que nos proporciona a televisão. (MARTIN – BARBERO; REY, 2001, p. 23-24)



Impressiona o fato de que, embora o entretenimento costume monopolizar as audiências, pouco se conhece sobre sua capacidade de influenciar comportamentos. A indústria cultural vende a impressão de que o entretenimento é neutro, cuja única finalidade é divertir.

A partir dos dados e análises apresentados, a pesquisa nos revela que a Educomunicação está se materializando nos Centros Sociais Maristas. As diversas possibilidades apontadas mostram que há uma preocupação por parte das equipes gestoras e educadores, em relação à apropriação do potencial educativo das TICs para propor metodologias significativas no Serviço de Apoio Socioeducativo.

Considerações Finais

Concluimos o presente relato de pesquisa realizado com gestores, educadores e educandos, de oito Centros Sociais Maristas. A partir de questões que apontam proposições para que a ação do educador esteja assentada em referências teóricas e práticas que rompam com as relações de passividade e subsidiem práticas educativas transformadoras, cujas referências caracterizam a interface da educação e comunicação. Além de como utilizar esses saberes na formação de cidadãos protagonistas e sujeitos de sua própria aprendizagem, foi possível refletir e resignificar as práticas educacionais em desenvolvimento, com o objetivo de criar novas possibilidades para o enriquecimento do processo de aprendizagem.

Nesse processo investigativo, foi possível perceber que o campo da Educomunicação permite a construção de mensagens e aparatos em torno dos quais se pode mobilizar, organizar e propor. Essa constatação desafia o educador a exercer uma mediação que considere todo o processo comunicativo desenvolvido com crianças e adolescentes como espaço de participação criativa, crítica e transformadora.

As práticas educacionais, nessa perspectiva, apontam para a quebra de paradigmas conservadores que concebem os educandos apenas como indivíduos passivos, sujeitos à reprodução de informações e participação decorativa. Desse modo, o educador enquanto pesquisador, observador atento e reflexivo, passa de mero transmissor de conhecimentos para mediador ativo do processo de construção de conhecimentos contextualizados, promovendo a escuta e diálogo.

O papel do educador mostra-se, não apenas como uma referência, mas também como um mediador que ajuda o educando a compreender a importância de suas



próprias experiências e os seus significados, a partir do exercício da problematização e contextualização, dando sentido ao que se discute, considerando as diferentes culturas que influenciam seus saberes e fazeres.

A pedagogia Marista e a Educomunicação têm em comum o princípio de atuação, a formação para autonomia e co-responsabilidade do educando, o que contribui com a construção do conhecimento, numa perspectiva significativa. Desse modo, entende-se que essa prática da participação nos Centros Sociais Maristas encontra aporte nos referenciais da Educomunicação e desafia os educadores à proposição de práticas diferenciadas que oportunizem espaços de diálogo, participação e garantia de direitos.

Referências

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Tradução Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. **Paradigma da complexidade: Metodologia de projetos, contratos didáticos e portfólios**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- FANTIN, Monica. **Perspectivas teórico-metodológicas da mídia educação**. Santos: Intercom, 2007.
- GÓMEZ, Guilherme Orozco. Professor e meios de comunicação: desafios, estereótipos e pesquisas. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n.10, p.57-68, set./dez. 1997.
- JACQUINOT, Jeneviève. O que é um educador? Papel da comunicação na formação dos professores. **I Congresso Internacional de Comunicação e Educação**. São Paulo/maio 1998. Disponível em <http://www.geocities.com/celitaparreiras/comedu.htm>> Acesso em: 05 jun. 2009.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. **Pre-textos conversaciones sobre la comunicacion y sus contextos**. Cali, Centro Universidade del Valle. Coleccion Ensayo Iberoamericana, 1995.
- MARTIN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Os exercícios do ver**. São Paulo: SENAC, 2001.
- PENTEADO, Heloisa Dupas (Org.). **Pedagogia da comunicação: teorias e práticas**. São Paulo: Cortez, 1998.
- PERUZZO, Cicília M. K. **Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania**. Disponível em: https://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/b/bf/Cicilia_Peruzzo.pdf. Acesso em 20 de abril de 2010.
- PRETTO, N.L. **Escritos sobre educação, comunicação e cultura**. Campinas: Papyrus, 2008.
- REDE MARISTA DE SOLIDARIEDADE. **Proposta Socioeducativa: referenciais teórico-metodológicos**. São Paulo: FTD, 2010.
- ROSSETI, Fernando. **Mídia e Escola: perspectivas para políticas públicas**. São Paulo: UNICEF / Jogos de Amarelinha, 2008.



SCHAUN, Ângela. **Educomunicação: reflexões e princípios**. Rio de Janeiro, Mauad, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**. São Paulo, ano VII, no. 19, set./dez. 2000, p. 12-31.

_____. Gestão Comunicativa e Educação: caminhos da Educomunicação. **Comunicação & Educação**. São Paulo: Salesiana, ECA/USP, n.23, p.16-25, jan./abr.2002.

_____. A contribuição da revista comunicação e educação para a criação da licenciatura em Educomunicação. **Comunicação & Educação**. São Paulo: Paulinas, ECA/USP, Ano 14, n.3 (set/dez.2009) p. 7-17.